

# Suplemento Cultural

## Pelos 49 anos da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

(pródromos de sua fundação, ocorrida em 30/10/1971)

**José Couto Vieira Pontes** – escritor/cronista, acadêmico e cofundador da ASL

Campo Grande, dia 13 de outubro de 1971. Vinte horas. Saguão do Hotel Campo Grande. Inicia-se uma cerimônia literária jamais vista em todo o (então) Estado de Mato Grosso, mesmo em Cuiabá, famoso centro de cultivo das letras: uma noite de autógrafos nos moldes de Rio e São Paulo. O intelectual e tabelião Ulysses Serra autografa seu livro de crônicas do passado campo-grandense, “Camalotes e Guavirais”. Nenhuma pessoa, de algum modo ligada à arte literária, pelo amor à leitura ou pelo cultivo das letras, conseguiu ficar em casa.

Finda a solenidade, altas horas, muitos dos que saem não podem avaliar que, muito mais do que uma festa a mais, o evento literário breve desencadearia, em nosso meio, uma verdadeira revolução cultural. Dezesete dias após, no memorável dia 30 de outubro de 1971, Ulysses Serra, irmanado a José Couto Vieira Pontes e Germano de Barros de Souza, declara fundada a “Academia de Letras e História de Campo Grande”. Na verdade, pondo em prática paciente plano, Ulysses Serra consegue convocar os cultores da literatura em tertúlias semanais. Recrudescem, pois, o interesse pelas letras. No dia 06/11/1971 lavra-se a primeira ata da nascente Academia de Letras e História de Campo Grande, da qual se originariam a atual Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e IHGMS, ata esta redigida com a letra inconfundível do primeiro presidente da entidade: Ulysses Azul de Almeida Serra. Subscrevem-na apenas três acadêmicos.

Daí a alguns meses, o número de integrantes chega a quinze, depois a vinte. Funda-se o Suplemento Literário no jornal **Correio do Estado**, editado até hoje, sem interrupção, com o título de **Suplemento Cultural**. Surgem as Edições Acadêmicas, no afã de criar uma biblioteca sul-mato-grossense, destinada a conservar e preservar os fatos de nossa história, seu folclore, sua tradição e suas obras de literatura mais representativas.

Em 13 de outubro de 1972 – ironia da vida – sem que ninguém, de início, desse pela coincidência, no



Sede atual da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, que completou, no dia 30 de outubro p.p., 49 anos de fecunda existência – templo-mor de nossa literatura

mesmo local, justamente um ano depois do lançamento de “Camalotes e Guavirais”, instala-se solenemente a Academia de Letras e História de Campo Grande, que inclusive já contava com seu primeiro Estatuto, homologado pelo presidente Ulysses.

Noite memorável, discursos eruditos... mas um grande vazio: Ulysses não está presente. Havia viajado ao Rio de Janeiro, em tratamento de saúde, vindo a falecer no dia 30 de junho de 1972. Ele assiste a tudo das galerias da eternidade e sabíamos que ele estava feliz. No convite para a solenidade, a nossa palavra honrada: “Não nos esqueçamos de você, Ulysses”.

Hoje, nossa Academia Sul-Mato-Grossense de Letras assoma como entidade literária máxima do estado Mato Grosso do Sul, sendo reconhecida como precursora de sua criação, no sentido de que colaborou para a geração de condições culturais, valorizando a contribuição intelectual como esteio de implantação de um novo Estado.

A instalação da Academia favoreceu, ainda, o interesse pelas artes de um modo geral, nascendo (de

“

Noite memorável, discursos eruditos... mas um grande vazio: Ulysses não está presente. Havia viajado ao Rio de Janeiro, em tratamento de saúde, vindo a falecer no dia 30 de junho de 1972”

seu exemplo) novas entidades artísticas e culturais em nosso meio; despertou na mocidade o interesse pelas coisas do espírito, e ainda serviu de estímulo ao intercâmbio com entidades congêneres do país, tornando a nossa terra, nossa cultura e a nossa tradição, conhecidas em outras unidades da Federação.

## Amor em todos os quadrantes

(“Apresentação” do primeiro livro de Lélia Rita de Figueiredo Ribeiro, ex-membro da ASL)

**Maria da Glória Sá Rosa** – escritora, ativista cultural, pertenceu à ASL

Salvar as coisas pela magia das palavras, eis a missão do poeta. Pois o que é a poesia senão o equacionamento entre seres e palavras? Não são elas que dão novo brilho à realidade e ao sonho, como se fossem pássaros à espera do voo, flores na antevéspera do desabrochar, água deslizando e arredondando as pedras do riacho?

Em plena era do átomo, o desejo de comunicar a realidade de um conteúdo psíquico, como síntese intuitiva, única, do conceitual-sensorial-auditivo (segundo opinião de Carlos Bousoño) continua mais inquietante e urgente do que nunca.

Na nossa Campo Grande, onde os contrastes se evidenciam a cada passo, desde a aspereza vermelha da terra fértil, à doçura mais azul dos céus, chão de bandeirantes e imigrantes, de trabalho e sonho, a poesia também é necessária.

Lélia Rita, nascida e criada aqui, faz poesia para definir-se e explicar-se. Para sentir-se como mulher e mãe. Para protestar contra a desarmonia do mundo, a morte a que já nascemos condenados, a dor que ensina a ver com inteligência o nada da nossa condição.

Sua poesia capta o essencial, nessa luta surda que se estabelece entre os significantes e significados, o que mui-

tas vezes a leva aos caminhos da ironia.

Se a amizade “suaviza o absurdo do viver” e “até a natureza se consome ao fim de cada messe”, o Natal “são cartões doirados com letras gritantes” e o cotidiano assume aspectos cubistas como nos quadros de Braque.

A poesia de Lélia Rita é tão sensorial como os versos de Caeiro a que ela se declara profundamente ligada. Mas não é uma poesia só de intuições. Em cada verso as palavras têm particular efeito.

A maioria de seus poemas deixa-nos a impressão de que o ato de criar foi muito doloroso e não se completou como ela o teria desejado.

Sabedora de que num poema o essencial é dizer o não dito, reafirmar de modo insólito o vivido, trabalhou as palavras, refazendo o estranho rumor de cada pequenina coisa que sobreviveu ao silêncio.

A partir deste primeiro livro, Lélia fica conosco, como “o consolo do Consolo”, “Fiquei mas sai”, “Já fui mas ainda não voltei”.

Em suas mensagens reconhecemos a maturidade de uma mulher inteligente que abordando temas como: raízes do passado, amor, terra-mato-grossense, tem a coragem de olhar-se diante do espelho e declarar-se insatisfeita.

Lélia é o sinal mais evidente de que a verdade do sonho, da esperança cabe perfeitamente no jogo da poesia restabelecendo confiança no dia do amanhã.

## Amarelo

**Raquel Naveira** – poeta/cronista, professora, ex-vice-presidente da ASL

Só Van Gogh compreendeu à altura a minha paixão pelo amarelo. O amarelo é a cor mais bela, mais expansiva, mais ardente.

Que curiosa e estranha predileção Van Gogh tinha pelos girassóis. Foram várias telas retratando essas flores gigantes em pinceladas rápidas, em tons dramáticos de amarelo. Jarras com três, cinco, doze, quinze girassóis. Profusão de pétalas retorcidas, iradas. Os girassóis são ambivalentes: sob o sol são altivos e soberbos; quando surge a escuridão da noite se fecham sobre si mesmos. Misto de luzes, cores, amargura e solidão, os girassóis refletem o espectro da bipolaridade, doença mental e genética sofrida pelo próprio artista: ora eufórico e cheio de energia; ora triste, apático e culpado. Esses girassóis, assombrosamente fortes, foram pintados como um presente para o amigo, também pintor, Paul Gauguin, num tempo em que trabalharam juntos. Seriam para decorar a casa de Van Gogh em Arles, no sul da França, conhecida como “casa amarela”, mergulhada num campo de girassóis. Depois da tensa ruptura da amizade entre os dois, Van Gogh teve uma crise nervosa que o levou a cortar a própria orelha e, mais tarde, deprimido, a dar um tiro no peito. Só depois de seu trágico suicídio é que ele foi reconhecido mundialmente como gênio.

Amarelos também, de um matiz mais pálido, são os trigais e os montes de feno retratados por ele. Em

“

A pintura está na minha pele... é um sol, uma luz, que eu só posso chamar de amarelo, porque não tem outra palavra... como o amarelo é lindo”

“Casa de Fazenda na Provença” há uma fertilidade terrível, as hastes de trigo crescendo por todos os lados parecem uma ameaça ao homem que mal consegue caminhar. Van Gogh domina a natureza em cada traço amarelo do amido das espigas.

Certa vez, ele declarou: “A pintura está na minha pele... é um sol, uma luz, que eu só posso chamar de amarelo, porque não tem outra palavra... como o amarelo é lindo.”

O amarelo é lindo. Enfeito sempre minha sala com flores amarelas. Tenho tantas lembranças de vestidos amarelos. Como aquele estampado de flores amarelas com miolos brancos que eu usava quando subi as escadas do avião que rumou em direção ao sol, ao mar, ao Rio de Janeiro.

Sei que minha morte será uma descida a fontes amarelas. Um dia estarei livre, na eternidade dourada.

Sou tonta, apaixonada pelo amarelo, compreende? Só Van Gogh compreendeu... você prefere o azul.

## POESIAS

### Abrigo e caminho

o alicerce é o caminho  
edificado de montanha,  
assim edificado  
é de ficar...

é livro confiado  
livre  
edificante,  
propósito avesso às surdas  
intuições...

e este refúgio é lá  
que avança  
a cada dia e à escada noite  
por diante assim...

assim  
fragrância em ênfase natural,  
abrigo edificado sobre pedra  
é de ficar  
nos corações-sementes...

não nas mentes e corações de  
pedra.

**Rubénio Marcelo** –  
pertence à ASL

### Inútil peça

será que está chegando a hora  
de não mais esperar  
o que o acaso pode trazer  
devo eu mesmo desenhar amanhã  
que fantasia criar  
que história escolher para  
contar quando esclerosar  
que caminho percorrer  
que inútil peça escrever  
será que está na hora  
de alguma coisa anular  
angústias virais

**Henrique Alberto de Medeiros Filho** – presidente da ASL

### Faces

Essa face que expõe a vida  
Com seus traços embutida,  
Manda em nossos sentimentos.  
É a nossa figura enrustida.

A outra se esconde no medo  
Se o veto da sorte açoiar.  
O lado da folha que é verde,  
Faz branco de horror calar.

São as faces e seus entraves  
Dueto, em muros separadas  
Facetas da alma tão instável,  
Que respondem enfatizadas.

Dar a face... oferecer a outra  
Ou... face a face se atrever,  
É o brio que numa e noutra,  
Permeia o ego a se vencer.

**Elizabeth Fonseca** –  
membro da ASL